

## Artigo

# Velhice e Sexualidade dos Homens da Terceira Idade

Alice Alves Menezes Ponce de Leão\*  
Ana Cristina da Silva Simas\*\*

### **Resumo**

A sexualidade na velhice é um tema tabu encoberto por uma dupla carga de preconceitos que colide a imagem idílica, assexuada e deserotizada que se tem a respeito da pessoa idosa com a ideia de pecado e transgressão que se faz a respeito da sexualidade ao reduzi-la à prática do sexo normalizada somente entre pessoas jovens e adultas. O objetivo deste artigo centra-se na discussão das estratégias acionadas por homens da terceira idade para a manutenção da vida sexual e, com isso, a validação de suas masculinidades nos cânones do patriarcado. Para isso, elegemos uma metodologia com foco em uma abordagem interdisciplinar resultante de uma pesquisa de iniciação científica realizada em uma cidade de médio porte do interior da Amazônia com homens idosos jovens, entre 60 a 65 anos, que se inserem na categoria “terceira idade”, ou seja, homens que gozam de prestígio social e de poder de consumo para além da satisfação de necessidades básicas. A discussão travada neste trabalho nos leva ao entendimento de que os homens idosos da terceira idade que fizeram parte da amostra desta pesquisa perfazem a vivência de suas sexualidades nos cânones das práticas negociadas e transgressoras sob o véu do patriarcado.

**Palavras-chave:** Terceira Idade. Masculinidade. Classe Social. Sexualidade.

### **Old age and sexuality of third age men**

### **Abstract**

Sexuality in old age is a taboo subject covered by a double load of prejudices that collides the idyllic, asexual and de-eroticized image of the elderly person with the idea of sin and transgression that is done about sexuality by reducing it to the practice of normalized sex only between young people and adults. The purpose of this article focuses on the discussion of strategies used by elderly men to maintain their sexual life and, with that, the validation of their masculinities in the canons of patriarchy. For this, we chose a methodology focused on an interdisciplinary approach resulting from a scientific initiation research carried out in a medium-sized city in the interior of the Amazon with young elderly men, between 60 and 65 years old, who fall into the "third age" category, that is, men who enjoy social prestige and consumption power beyond the satisfaction of basic needs. The discussion in this work leads us to the understanding that the elderly men of the third age who were part of the sample of this research make up the experience of their sexualities in the canons of negotiated and transgressive practices under the veil of patriarchy.

**Keywords:** Third Age. Masculinity. Social Class. Sexuality.

\* Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, [aliceponce@ufam.edu.br](mailto:aliceponce@ufam.edu.br)

\*\* Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas, [crissimass29@gmail.com](mailto:crissimass29@gmail.com)

**A** sexualidade masculina historicamente foi reduzida à atividade sexual inscrevendo-se no primado da penetração, uma vez que os homens foram ensinados a centralizar o prazer sexual no coito que atinge o ápice no momento em que ocorre a ejaculação. A potência sexual masculina, ou seja, a capacidade de penetrar é a testificação maior da masculinidade heteronormativa. De acordo com Bourdieu (2012), a virilidade se constitui enquanto um atributo de valorização social masculina, ou seja, é o símbolo da identidade do homem, logo a perda da virilidade representa o fracasso masculino.

Na velhice, a disfunção erétil coloca em xeque a virilidade, pois para o homem perder a ereção é perder a virilidade, é deixar de ser homem. Em que pese os problemas de ereção, o maior tabu para a vivência da sexualidade na velhice reside na depreciação do corpo idoso por não ser considerado um corpo sexualmente desejável. Quando eles insistem em expressar os seus desejos, são moralmente censurados, conforme afirma Pascual (2002).

Ponce de Leão Nonato (2018) explica que, para os homens, a atividade sexual sempre foi um medidor importante para a testificação da masculinidade, uma vez que a masculinidade hegemônica é heteronormativa e falocêntrica. Manter-se sexualmente ativo não é apenas uma questão individual, é social, pois é sinônimo de valorização social no universo masculino. Os homens que se inserem no signo da “terceira idade”, ou seja, determinada categoria de aposentados ou aqueles que ainda se mantêm ativos no mundo do trabalho e/ou aqueles que gozam de prestígio social e poder de consumo ligados ao hedonismo, vivem o exercício de suas sexualidades em meio a relações de poder onde o dinheiro lhes propiciam artifícios e vantagens para a manutenção das suas vidas sexuais.

De acordo com Debert (1997, p. 01), o conceito de terceira idade “não é explicado pela referência a uma idade cronológica precisa, mas por ser essa

uma forma de tratamento das pessoas de mais idade, que não adquiriu ainda uma conotação depreciativa”. Podemos dizer que a “terceira idade” é um conceito que gravita na transição de uma imagem depreciativa da velhice para a inauguração de uma imagem positivada à medida que incentiva as pessoas idosas a “não se entregarem para a velhice” (*sic!*) e a “não se sentirem velhas” (*sic!*) se adotarem estilos de vida e comportamentos ligados ao signo da atividade e do dinamismo, o que, na verdade, incentiva a negação da velhice e a valorização da juventude.

“Terceira idade” é, então, um eufemismo criado para encobrir a identidade estigmatizada que permeia a palavra “velho”. Barros (2006) elucida que o termo “velho” é depreciativo e sempre se referiu a pessoas pobres às quais evidenciavam de forma mais patente os traços ligados à decadência do corpo.

Em contrapartida, segundo a autora, as pessoas mais velhas que ocupavam cargos de prestígio social, como o presidente da república, cantores e personalidades de destaque social nunca foram chamadas de “velhos” e, sim, de idosos. “Idoso” marca um tratamento mais respeitoso, sobretudo a partir da incorporação desse sujeito como ator político e de suas demandas no âmbito das legislações sociais, como a Política Nacional do Idoso (1994) e o Estatuto do Idoso (2003).

Os idosos da “terceira idade” são os aposentados dinâmicos (FENSTERSEIFER, 2009), isto é, aquelas pessoas que, após a saída do mundo do trabalho, ingressaram em novos projetos de vida ligados ao lazer e ao desenvolvimento de potencialidades relegadas ao longo da trajetória de vida em nome das responsabilidades. Trata-se de uma pequena categoria de idosos que dispõe de uma condição de renda suficiente para lhes garantir o usufruto desse estilo de vida, o que não condiz com a realidade de pobreza e exclusão social em que vive a maioria das pessoas idosas no Brasil embora haja uma tentativa de homogeneização da “terceira idade” como substituição da “velhice”. É o que ocorre nos centros de convivência públicos para idosos pobres, cujos serviços oferecidos centram-se no entretenimento sem tocar no

cerne dos problemas sociais experienciados em seus cotidianos de vida, como a pobreza, a violência e a exclusão social.

“Terceira idade” tem um recorte de classe social que contempla pessoas idosas cuja renda permite não só a satisfação de suas necessidades básicas, mas, também, o atendimento de necessidades ligadas ao hedonismo como forma de valorização social nos preceitos da eterna juventude. Isso inclui a possibilidade de essas pessoas recorrerem às cirurgias plásticas e outras intervenções para a correção das deficiências (*sic!*) que o envelhecimento causa no corpo, assim como facilita a mediação para o acesso a práticas de sexo negociadas.

A disfunção erétil não se torna um impedimento substantivo para os homens da terceira idade, uma vez que eles podem *corrigir esse problema* (grifo nosso) fazendo uso de estimulantes sexuais, próteses penianas e/ou utilizando de seus recursos para financiar o sexo pago com mulheres mais jovens para legitimarem a sua valorização social.

Este trabalho tem como objetivo verificar que sentido a sexualidade assume na vida dos homens da terceira idade residentes de uma cidade de médio porte localizada no interior da Amazônia a partir dos artifícios que eles se utilizam para se manterem sexualmente ativos. Os sujeitos participantes da pesquisa foram selecionados a partir de uma amostra significativa sob o critério de saturação qualitativa sendo composta, assim, por homens idosos empresários, políticos e professores universitários com idade entre 60 a 65 anos, cuja faixa etária nos permite classificá-los como jovens idosos. De acordo com a pesquisa de Ponce de Leão Nonato (2018), realizada nesta mesma cidade, o quantitativo expressivo de homens idosos no universo populacional pesquisado se apresenta nessa faixa etária.

Os resultados apresentados neste artigo são derivados de duas pesquisas de iniciação científica (PIBIC) financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) realizadas no período de 2020 a 2022 que se utilizou de uma metodologia ancorada em uma abordagem interdisciplinar que transitou no âmbito das ciências humanas e

sociais aplicadas. Para a preservação da identidade dos sujeitos, atribuímos a eles nomes de pássaros neste trabalho.

## **A velhice dos homens da terceira idade**

A velhice, ainda que seja uma condição natural para todas e todos os indivíduos que alcançam a longevidade, não pode ser entendida como um processo homogêneo, uma vez que cada pessoa vivencia esse ciclo da vida de maneiras diferentes, pois além dos aspectos biofisiológicos da velhice, é fundamental considerar o histórico de vida dos indivíduos e todos os aspectos estruturais a eles relacionados como a classe social, o gênero, a etnia, a educação e as condições econômicas dos indivíduos (MINAYO e COIMBRA JR., 2002).

Yazbek (2009) afirma que a dimensão da heterogeneidade da velhice se apresenta fundamentalmente sob o recorte de classe social. As classes sociais podem ser compreendidas para além das relações entre os indivíduos, mas, sobretudo, pela vivência destes na estrutura social.

Beauvoir (1990, p. 17), por sua vez, pontua que “tanto ao longo da história como hoje em dia, a luta de classes determina a maneira pela qual um homem é surpreendido pela velhice”. Desta forma, a autora entende que a velhice está dividida em duas categorias fundamentais, uma extremamente ampla e pobre e a outra propiciada apenas a uma minoria, fruto da contradição entre explorados e exploradores.

Nesse viés, podemos dizer que, no Brasil, percebemos marcadamente essas duas faces da velhice de classes. De um lado, temos uma velhice pobre, aquela vivenciada pelos idosos de classes baixas em que geralmente o indivíduo se aposenta com um valor irrisório, insuficiente para prover até mesmo as suas necessidades básicas representando a face da velhice estigmatizada, decadente, doente e dependente.

E do lado oposto, tem-se outra categoria de velhice, representada pelo signo da “terceira idade”, caracterizada pela velhice dos idosos ricos ou “jovens

aposentados”, considerada o tipo de velhice ideal, “sinônimo de envelhecimento ativo e independente” (PEIXOTO, 1998, p. 76). Sendo assim, a depender da classe social em que o indivíduo está inserido, a velhice assume percepções e realidades diferentes, como ilustra Tucano (63 anos):

Você ter uma estabilidade financeira para ter uma velhice tranquila, é fundamental. Uma aposentadoria boa ou ter condições de viver bem, isso com certeza tem uma importância muito grande. É muito fácil você fazer uma comparação: pega um velhinho que mora em Mônaco e na Suíça e pega um velhinho que mora dentro de uma favela. É uma diferença abissal, brutal do poder aquisitivo dos dois. Então eu acho que tem muito a ver, você ter uma velhice tranquila, você ter uma condição financeira para se dar o luxo de periodicamente viajar, de ter boa assistência médica, de poder fazer atividades que a condição financeira lhe proporciona. Não quer dizer que quem não tem, não possa. Poder? Pode! Mas é um pouco mais difícil. Mas, eu acho que é fundamental a pessoa ter uma estabilidade material para ter uma velhice tranquila.

Tucano (63 anos) revela como a renda se constitui um aspecto importante na velhice, pois ela é capaz de propiciar às pessoas idosas uma condição de vida digna no que concerne ao atendimento às suas necessidades sociais e pessoais, especialmente no que se refere a um atendimento de saúde e a condições de lazer.

Os idosos da terceira idade não gozam apenas de melhores condições de vida, mas também de maior respeito social. Quem ocupa posições de prestígio na sociedade, dificilmente é chamado ou tratado sob a alcunha de “velho”. Para Motta (1999), a velhice é sempre associada muito mais à decadência física, mental e social do que às apregoadas sabedoria e experiência.

Por outro lado, há aqueles que acreditam que envelhecer é uma escolha que depende do esforço do indivíduo para que ele evite uma velhice caracterizada por debilidades físicas e cognitivas sob o predomínio do modo de ser ranzinza e ultrapassado. Busca-se, com isso, a conformação do ideal socialmente valorizado que está associado ao estilo de vida da juventude, descolado, dinâmico, atualizado (GOLDENBERG, 2011).

Podemos observar este fato na fala de Bem-te-vi (60 anos), que ao ser questionado sobre sentir-se velho, diz: “se você me perguntar se eu sinto ela

(velhice) chegando, eu diria que não. Muito pelo contrário, como eu te disse ainda agora, eu vou me tornando cada vez mais cuidadoso, cada vez mais seletivo, mais objetivo”.

O comportamento de Bem-te-vi (60 anos) revela a negação da velhice, uma vez que manter-se jovem e ativo é o desejo de todo indivíduo que está envelhecendo, já que a sociedade considera como padrão de inclusão e valorização tudo o que se relaciona à ideia de juventude. A negação da velhice em nome do culto à eterna juventude é o valor que impera no cerne da sociedade capitalista.

Segundo Ponce de Leão Nonato (2018), as pessoas idosas assumem que adquiriram idade com o passar dos anos, mas não que atingiram à velhice, pois assumir essa condição existencial é assinar a sentença de debilidade e, conseqüentemente, de invalidação social. E isso é mais emblemático para os homens do que para as mulheres, uma vez que o aprendizado da masculinidade não lhes preparou para a chegada da velhice fazendo com que eles se mantenham atrelados às reminiscências da juventude e da vida adulta.

Além da classe social, um outro fator diferenciador entre as velhices é o gênero. De acordo com Motta (2006), a velhice afeta homens e mulheres de formas diferentes. Ainda que os sujeitos apresentem características e experiências parecidas, a condição de gênero promove diferenças nas vivências e representações da velhice. Homens idosos e mulheres idosas foram socializados em um tempo geracional marcado de forma atroz pelo machismo em seus aprendizados de masculinidade e feminilidade. Ao atingirem à velhice, esses tensionamentos não são suprimidos, ao contrário, são agudizados, conforme percebemos na fala de Gavião (60 anos) que afirma que

O homem tem mais liberdade de ser ele mesmo. Ele sai, vai pra onde ele quer, vai pra festa, pega a mulher que ele quiser e até uma menina nova. Vocês devem tá cansada de ver garotinhas com homens velhos de cabeça branca e até careca, um coroa, como dizem, vocês tão cansadas de ver isso aí, mas é muito raro você ver garotos com mulher velha. Tem, mas é muito mais raro. A sociedade se incomoda mais com vocês (mulheres), e ainda bem, que é com vocês (risos).

A narrativa de Gavião (60 anos) nos remete ao pensamento de Beauvoir (1990, p. 364) que enfatizar que não se fala em “bela velha”, no máximo, se dirá “uma encantadora anciã”. A autora tece comparações com o que acontece na velhice masculina em que se aceita falar em “belos velhos”, que não se exige do homem idoso a mesma proporção de cobrança acerca do viço de sua pele e nem de sua beleza física como o que ocorre com as mulheres, mas, sim, a coragem e a inteligência de um homem conquistador, sendo os cabelos brancos e as marcas de expressão um sinal de charme que não expressam decadência.

Nesse sentido, as mulheres enfrentam maior desvantagem no campo simbólico, visto que a construção social de suas identidades sempre foi associada à imagem corporal. A nossa sociedade aceita a ideia de que enquanto os homens mais velhos são durões, charmosos e bem estabelecidos financeiramente, as mulheres idosas são ultrapassadas, feias e ranzinzas. O homem pode envelhecer publicamente, ao passo que as mulheres precisam corrigir a aparência para não chocarem tanto as pessoas com uma aparência decrépita ao aparecerem na cena pública. Para isso, exige-se que elas pintem os cabelos brancos, que façam cirurgias plásticas, que se vistam como jovens (GOLDENBERG, 2014). Ou seja, as mulheres não têm o direito de envelhecer livremente, como afirma Gavião (60 anos).

Os aspectos sociais da velhice remetem diretamente aos papéis sociais que os idosos atribuíram ao longo de suas vidas e à perda destes papéis no momento em que se aposentam. Figueiredo et. al (2007) assinalam que em uma sociedade que prioriza o capital, a produtividade e o espaço público, os homens idosos se sentem violentados quando se aposentam, pois a aposentadoria é entendida como o decreto de inutilidade que relega o homem a ocupar o espaço do lar enquanto desfruta do ócio, o que muitas vezes resulta no aparecimento de doenças físicas e psíquicas resultantes dessa inatividade.

Para Pacheco (2015, p. 65), “a aposentadoria é um rito de passagem para a velhice, ela acentua sua vinculação à terceira idade, numa sociedade de consumo na qual apenas o novo é cultuado como fonte de renovação, do



desejo, da posse”. Isso porque a aposentadoria, sobretudo para os homens, simboliza o tempo do ócio e o ócio, nos cânones da sociedade capitalista, é menosprezado, visto com desprezo e destitui o homem do seu caráter de validade.

Debert (1997), em discordância, apresenta outra compreensão acerca da aposentadoria à medida que não a considera como um rito de passagem para a velhice. Segundo a autora, a aposentadoria deixa de ser um momento de descanso, recolhimento e inutilidade e se firma como tempo de atividade e lazer dentro da categoria “terceira idade”.

Embora o capitalismo tente transformar a aposentadoria como o momento de fruição de uma vida de lazer, ele se contradiz nessa ideologia, uma vez que a própria sociedade do trabalho alienado não prepara as pessoas para a “vida ociosa”, segundo Alves (2015). Ao contrário. Para este autor, o vazio existencial provocado nos indivíduos pela aposentadoria decorre do fato de esse sistema deformar a personalidade do indivíduo quando este se encontra fora do sistema produtivo. Isso faz com que os proletários idosos busquem no trabalho não apenas um meio de vida, mas uma forma de dar sentido à vida alienada.

Acresce-se a isto a precarização das aposentadorias e pensões de homens e mulheres idosos obrigando-os a manterem-se ocupados, inseridos em situações de trabalho e de vida precários. Esta categoria de idosos que permanecem ativos no mundo do trabalho alienado representa o que Alves (2015) denomina de “gerontariado”.

São nestes termos aludidos por Alves (2015) que os idosos desta pesquisa tecem as suas vivências na velhice, pois mesmo após a aposentadoria, eles continuam ativos e procuram de alguma forma estarem inseridos em atividades produtivas, como aponta Gavião (60 anos), “eu espero não deixar de trabalhar. O homem nessa nossa criação aqui, ele me parece que veio com o destino de enfrentar as dificuldades da vida, e construir uma família, né?”.

Para esses homens, manterem-se economicamente ativos significa permanecerem úteis no mundo da vida. A permanência na atividade laboral se expressa para esses idosos como uma forma de continuarem inseridos na sociedade, assim como também para sustentarem um dos preceitos fundamentais da masculinidade hegemônica, pois “o trabalho é a centralidade na vida dos velhos, é o medidor de masculinidade” (PONCE DE LEÃO NONATO, 2018).

Já para os idosos que não amealharam renda durante a vida e que não conseguiram se aposentar ou até mesmo aqueles que são beneficiários da assistência social ou aposentados com uma renda insuficiente para prover as suas necessidades mínimas, continuar trabalhando significa a necessidade de sobreviver, conforme Teixeira (2008). Esses velhos trabalhadores se mantêm como arrimos de família em um contexto familiar onde o desemprego e o subemprego afetam os seus parentes mais jovens.

De acordo com Debert (1997), se a velhice é caracterizada pelo estigma da pobreza, do isolamento e da inutilidade, a “terceira idade” está imbuída em um verdadeiro êxtase de consumo e atividades. Espaços e serviços que antes eram frequentados e consumidos apenas por jovens e adultos passam agora a serem ocupados também pela “terceira idade”, a exemplo, a frequência dos idosos nas academias de ginásticas e em casa de festas noturnas, assim como em atividades esportivas, culturais, de lazer, viagens e roteiros turísticos badalados.

Essa realidade é condizente com os relatos dos sujeitos participantes da pesquisa quando afirmam que se consideram homens viajados por terem conhecido vários roteiros nacionais e internacionais, conforme evidencia Pica-pau (65 anos):

Dentro das minhas condições, eu vivo no meu pequeno mundo. Uma parte fazendo o que eu gosto e outra parte fazendo o que eu quero. Semana passada eu estava num resort em Recife, muito chic, na beira da praia, passei lá cinco dias [...] Sexta-feira eu vou pegar um avião, vou pra Manaus, vai tá um carro me esperando no aeroporto e eu vou ficar sábado e domingo num hotel de selva. [...] Conheço Estados Unidos, Nova York, Argentina, eu conheço Portugal, conheço Espanha, eu conheço inúmeros países! Tem uma Ilha no

Caribe, que eu já fui 40 vezes, chamado Aruba. Eu devo conhecer uns 20 ou 30 países.

Ter uma boa situação financeira é importante para que os idosos desfrutem de uma velhice digna, principalmente pelo fato de disporem de um acesso mais facilitado ao atendimento de suas necessidades de saúde diante da ineficiência das políticas públicas do Estado (TEIXEIRA, 2008), mas também pela oportunidade de experienciar vivências que acrescem no capital intelectual e relacional, como viajar e interagir com outras pessoas e diferentes culturas. Essas possibilidades fazem do idoso da terceira idade um homem culto, respeitado e valorizado em detrimento aos velhos pobres que se encontram trabalhando na informalidade e na precariedade. Logo, velhos e idosos da terceira idade não vivem a mesma velhice porque experienciam realidades sociais diferentes pelo marcador de classe social (PONCE DE LEÃO NONATO, 2018).

No contexto amazônico, os passeios de lanchas pelas praias da zona rural nos finais de semana são formas de lazer muito peculiares. Essas formas mais simples de lazer também possibilitam os idosos se distraírem e terem contato com outras pessoas de seu círculo social, como assinala Uirapuru (60 anos), “no dia a dia, quando não tô lendo livros, pego a voadeira que eu não sei pilotar e convido alguém pra ir para a praia do Uaicurapá. Eu uno o útil ao agradável” (Entrevista, 2021).

Diante disso, observa-se que o poder de consumo dos idosos da terceira idade molda a *poiesis* de suas vidas na velhice oportunizando-lhes condições de acesso a bens e serviços de qualidade diferenciados se comparados aos velhos que vivem em situação de pobreza e que são alvos das políticas públicas.

Mas, a situação de classe mais favorecida não serve apenas para atender as necessidades básicas comuns a todas as pessoas idosas. A renda dos homens da terceira idade permite que eles deem vazão a outras necessidades do *eu* ligadas ao hedonismo permitindo que permaneçam no

competitivo mercado sexual masculino em condição equiparada a dos homens que dispõem dos atributos físicos da jovialidade.

## **Sexo e sexualidade dos homens idosos da terceira idade**

A sexualidade é um tema carregado de tabus de ordem sociocultural, religiosa e política. Esses aspectos influenciam profundamente a maneira como as pessoas expressam a sua sexualidade, como a vivenciam e como lidam com ela durante toda a vida.

Quando se trata das pessoas idosas esses valores pesam sobremaneira e interferem consideravelmente no exercício de sua sexualidade, pois essas pessoas receberam uma educação repressora ao longo de suas vidas a partir da qual se concebia o sexo e a sexualidade como algo sujo e pecaminoso autorizado somente para a reprodução. Sendo assim, acredita-se que, na velhice, as pessoas idosas já estejam dispensadas da vivência da sexualidade, pois tem-se a ideia de que a imagem desses indivíduos está ligada à pureza, à deserotização, à impotência e, portanto, à assexualidade (VIEIRA, 2012).

Ponce de Leão Nonato (2018) afirma que a sexualidade na velhice ainda que seja um tema velado ao mesmo tempo em que é pulsante. Esta questão é encoberta por um invólucro de conservadorismo que guarda tensionamentos e transgressões nos relacionamentos afetivo-sexuais envolvendo pessoas idosas.

O aprendizado da sexualidade foi conservador marcado por pudores fundamentados na religião que associa o sexo e a sexualidade ao pecado. Bem-te-vi (60 anos) e Gavião (60 anos), ao serem questionados se existia diálogo sobre sexo com seus pais, Gavião (60 anos) surpreende-se com a pergunta e em tom de espanto exclama: “Nem pensar nisso. Meu pai nem conversava. De jeito nenhum, Deus o livre!”. Por sua vez, Bem-te-vi (60 anos) revela: “Meu pai, nesse caso, era bastante fechado, a conversa com ele era muito curta”.

As reações espantosas de Bem-te-vi (60 anos) e Gavião (60 anos) se justificam pelos valores conservadores que foram transmitidos pelos seus pais

que, por sua vez acumularam de seus pais fazendo com que esse assunto seja tratado no âmbito de interditos, entre o que se pode ou não falar sobre isso e como se deve abordar esse assunto. De acordo com Foucault (1988), o comportamento dos pais em não manter diálogo sobre sexo com seus filhos, é fruto da repressão sexual vivenciada por eles, sobretudo às mulheres, em um contexto onde o sexo era visto como algo proibido, velado.

Além da educação repressora acerca da sexualidade, o conservadorismo religioso também contribui consideravelmente de forma negativa na maneira como os idosos expressam a sua sexualidade. Nessa perspectiva, as mulheres idosas são mais influenciadas, pois muitas acreditam que o exercício da sexualidade na velhice é algo sujo e pecaminoso (VIEIRA, 2012), uma obrigação à qual elas já estão dispensadas em razão do término da capacidade reprodutiva. Essa influência negativa do conservadorismo religioso acerca da sexualidade foi explicitada na narrativa de Uirapuru (60 anos):

É...eu vou falar uma coisa com sinceridade hein. Mas eu detesto a forma como ensinaram o ser humano a rejeitar seu corpo através da religião. E aqui até hoje, inclusive, as próprias igrejas católicas e a evangélica ensina você a rejeitar seu próprio corpo, a negar seu próprio desejo. Essa relação do Adão e Eva ali, a igreja faz a criança aprender a rejeitar seu corpo, a sua própria liberdade e descoberta, inclusive, da sua própria sexualidade e da descoberta dos seus próprios atos sexuais. Porque sexo é vida também, porque se não fosse vida, nós não teríamos nascido.

Ainda hoje percebemos que a ideologia apregoada pelas igrejas, sobretudo pelas igrejas protestantes, mantém o posicionamento da repressão acerca de questões que envolvem a sexualidade, como o uso de métodos contraceptivos pelas mulheres, a condenação moral pelo adultério, o aborto, a homossexualidade e o sexo antes do casamento. Geralmente, os preceitos religiosos cristãos apregoam que o ato sexual não envolve apenas o corpo, mas também a alma, logo, o sexo fora ou antes do casamento é fonte de pecado devendo-se evitar as tentações dos prazeres carnis.

No interior da Amazônia, essa influência negativa da moral religiosa acerca da sexualidade é favorecida também pela cultura. Segundo Ponce de

Leão Nonato (2018), trata-se de uma cultura fortemente machista, de cunho patriarcal, arraigada na religião católica, o que favorece um entendimento da sexualidade e da relação sexual empobrecidas.

Todos esses aspectos supracitados repousam no sentido e nas vivências da sexualidade na velhice. Nolasco (1993) observa que, desde a tenra idade, os homens são incitados a falar e a valorizar o sexo, não como expressão de sua identidade, mas como forma de reproduzir o modelo de comportamento para eles determinado.

Nesse mesmo sentido, Bourdieu (2012) elucida que o modo de ser homem sustenta-se dentro de algumas categorias como a força, a coragem e o poder, porém, a principal, é a virilidade. Em virtude disso, o comportamento sexual dos homens é influenciado por questões como a preocupação com o tamanho do pênis e a importância de um bom desempenho sexual, que são alguns dos conceitos impostos pela masculinidade hegemônica, considerados como pilares na constituição da sexualidade masculina. É nesse sentido que os idosos entrevistados centram as suas compreensões sobre a sexualidade no primado da genitalidade, na valoração do sexo, conforme ilustra Papagaio (60 anos):

Eu acho que a sexualidade é sexo, né? Porque sexo além de desejo é necessidade. Então, tem que fazer sexo, né? Então, faz parte da nossa vida e a gente vai procurar isso, porque o homem precisa disso, né? É da natureza dele. Então, sexualidade é sexo, é o desejo... o desejo sexual. É o cabra saber fazer vocês gozar. Ter potência.

A narrativa de Papagaio expressa a sua concepção sobre sexualidade relacionando-a unicamente à capacidade de realizar o ato sexual. De acordo com Bozon (2004), esse entendimento se justifica pelo fato de o aprendizado dos homens acerca da sexualidade ter sido centrada unicamente no sexo. Os idosos ao restringirem a compreensão acerca da sexualidade ao ato sexual, ao coito, o exercício amplo da sexualidade é desprezado, uma vez que a sexualidade se dilui no órgão genital quando, na verdade, o corpo humano inteiro é permeado de zonas erógenas.

Dessa forma, autoriza-se a normalidade do prazer sexual somente ao homem, já que a sexualidade ainda hoje é circunscrita à atividade sexual e, portanto, reduzida ao coito. Del Priore (2014) revela que por durante muito tempo as mulheres não puderam expressar prazer sexual em suas relações íntimas sob pena de serem consideradas históricas e depravadas, uma vez que a moral judaico-cristã apregoava o papel da mulher na atividade sexual ligada à finalidade da reprodução.

É somente a partir da introdução das pílulas anticoncepcionais reivindicadas pelos movimentos feministas que se inaugura a dissociação do sexo para a reprodução para o sexo como fonte de prazer e de realização. Ainda assim, Giddens (1993) refere que essa conquista não revolucionou as assimetrias sexuais de gênero que continuam estigmatizando o comportamento sexual mais livre das mulheres como próprio de prostitutas relegando-as a patamares de desmoralização e desvalorização.

Se a sexualidade fica diluída na atividade sexual, o seu exercício tende a ficar comprometido na velhice. A vivência da sexualidade deveria permear todo o ciclo de vida humano e não apenas circunscrever-se a um determinado período da vida, a juventude e a vida adulta. Sabemos que a sexualidade é um elemento importante na vida de todos os indivíduos no sentido de proporcionar uma boa qualidade de vida e com as pessoas idosas não deveria ser diferente.

Santos (2003) ilustra que a sexualidade permanece durante todo o decorrer da vida e os elementos influenciadores do desejo, do afeto, das carícias ficam intactos no processo de envelhecimento permitindo com que o homem idoso possa viver possibilidades reais de vivenciar a sua sexualidade para além do ato sexual. Embora alguns homens idosos de nossa pesquisa limitem a sexualidade ao exercício do sexo, alguns outros como Bem-te-vi (60 anos), possui uma visão mais ampliada. Vejamos:

O prazer sexual não se consegue somente com uma parceira, penetrando, as vezes apenas o ato de beijar uma mulher, você chega a gozar. Carícias nos seios, carícias na vagina, carícias no ânus, no pescoço, sei lá. O corpo nosso é o organismo perfeito pra isso aí. O

tocar do homem para a mulher e da mulher para o homem e sei lá. Quando você sente o desejo por uma pessoa, você toca a mão dela, você sente uma faísca. Então eu digo, não e só penetrando, não, e só se deixando ser penetrada que você vai sentir prazer. Eu já consegui gozar sem penetrar. E a parceira, somente com carinho.

A sexualidade ultrapassa o ato sexual, pois existem várias formas de dar e sentir prazer que não se restringem ao coito. É necessário que os idosos compreendam que a sexualidade é uma construção social complexa, da qual fazem parte outros comportamentos, sentimentos e emoções, como pontuou Bem-te-vi (60 anos). A sexualidade, no decorrer dos anos, independentemente da idade, torna-se mais do que um ato sexual, pois permite às pessoas vivenciarem sentimentos que reforçam as relações afetivas (Organização Mundial da Saúde, 2006).

Geralmente a sociedade não leva em consideração que as alterações físicas e biológicas em decorrência do processo de envelhecimento não impedem que os idosos vivenciem a sua sexualidade como parte de um processo natural da vida (ALENCAR e MARQUES, 2014). Segundo Ballone (2002), as mudanças ocorridas na fisiologia dos indivíduos idosos, ocasionadas pelo processo natural do envelhecimento, podem interferir na sua sexualidade, mas não é capaz de impedir o seu exercício.

As alterações no organismo do idoso influenciam consideravelmente a sua desenvoltura sexual, sobretudo as mudanças biofisiológicas, associadas, ainda, aos fatores psicológicos, sociais e culturais. O autor elucida que, para o homem, o envelhecimento pode vir acompanhado da redução da produção de testosterona, podendo interferir na sua função sexual como, por exemplo, a ocorrência da diminuição da libido e problemas de disfunção erétil, refletindo na disposição do idoso para a atividade sexual. Nesse sentido, Pica-pau (65 anos) faz eco à fala de Ballone (2002). Vejamos:

O homem tem muito mais problemas que a mulher. Porque o homem ele tem problemas psicológicos. Digamos o seguinte: vocês são novas e eu vou sair com uma de vocês, tá? Pela minha idade, pela sua idade eu já vou um pouco constrangido, tenso. Eu vou depender da sua parceria pra que eu venha a funcionar, você não. O homem tem mais dificuldade de alcançar uma ereção numa relação com uma mulher.



Se ele tiver psicologicamente bem, ele vai funcionar. Se ele não tiver bem, ele não vai funcionar.

As limitações biofisiológicas no corpo masculino podem alterar a resposta sexual, no sentido do atraso da ereção sexual, o comprometimento parcial ou total desta. Mas, isso não é impedimento para a continuidade da vida sexual. É necessário acionar outros mecanismos de potencialização do desejo, um investimento maior, como aponta Pica-pau (65 anos) e atesta Ponce de Leão Nonato (2018). O relato de Pica-pau (65 anos) se configura, ainda, dentro do machismo, pois deposita sobre a mulher a responsabilidade de despertar a ereção, como se a falha disso recaísse sobre a falta de habilidade de sedução feminina ou um corpo não tão desejado pelo homem.

Sousa (2008) afirma que as mudanças decorrentes do processo de envelhecimento ameaçam o padrão da masculinidade provocando no homem sentimentos de angústia, como o medo de “brochar” (*sic!*), conseqüentemente, levando-o ao sofrimento. O impacto dessas mudanças, muitas vezes, é percebido de forma negativa por alguns idosos. Sobre a vida sexual do homem na velhice, Papagaio (60 anos) revela o seu drama:

Muda. Ela piora, não tem como minha filha, ela só piora. Não tem um cara com 70, 80 anos que é pegador. Não é mais qualquer hora que ele consegue pegar uma mulher, que ele vai funcionar, é uma hora ou outra que funciona, isso quando funciona. O cara vai perdendo a potência. O cara vê a mulher nua ali na frente dele, sente vontade, mas o pênis não levanta mais com facilidade, o cara tem medo de falhar, de pegar a mulher e não dá certo, os caras ficam tristes, pensam até em se suicidar. As vezes vaza a história, e o homem fica arrasado. Tomara que nunca aconteça comigo. É isso é muito triste pro homem. Aí o cara acaba se frustrando, perde a vontade, o interesse, sabe. O cara não é mais homem.

Ao restringir o valor da masculinidade à função do falo, vemos que a masculinidade hegemônica é auto-violentadora para o homem, pois ao não conseguir atender os preceitos desse modelo, o homem se vê destituído de sua condição masculina, provocando, pois, nos idosos um sentimento de frustração, pois nada pode ser mais devastador para o homem do que a impotência sexual, fazendo com que eles prefiram a morte a não conseguir provar a sua

capacidade de penetrar sexualmente uma mulher (PONCE DE LEÃO NONATO, 2018).

Os homens da terceira idade entrevistados destacaram a importância dos estimulantes sexuais como uma das estratégias para manterem-se sexualmente ativos, como admite Tucano (63 anos): “eu uso Ciallis periodicamente quando vou ter relações sexuais; tenho possibilidades, também, de pegar uma garota mais jovem pra me relacionar sexualmente. Essas coisas eu acho que são fundamentais para manter a atividade sexual do homem na velhice.

O relato de Tucano (63 anos) revela a importância da renda como um dos condicionantes fundamentais para acionar os artifícios necessários para se manter sexualmente ativo. Nota-se que é pelas vias do dinheiro que os idosos da terceira idade tentam reverter as “deficiências” da sexualidade na velhice, como a impotência sexual, considerado pelos homens o maior problema que a velhice acarreta para eles, visto que a perda da ereção significa perder a virilidade, já que a ereção é fundamental para o coito.

O Ciallis não funciona apenas para recuperar prontamente a ereção, mas como um passaporte de volta à valorização social masculina pela capacidade de penetrar sexualmente uma mulher jovem. Isso traz de volta a resposta imediata à excitação e a contenção dos desejos sexuais masculinos.

As mulheres jovens são consideradas como uma espécie de triunfo do poder masculino ligado à virilidade, uma vez que elas apresentam beleza e vigor. Nesse viés, Gavião (60 anos) afirma que para satisfazer os seus desejos sexuais, ele busca se relacionar com mulheres jovens. Assim, explana:

Eu procuro uma mulher. Se você tá com desejo, você faz o quê? Procura alguém pra suprir as tuas necessidades. Eu procuro mulheres, as mulheres mais jovens, porque ninguém quer as velhas, desculpa (risos) desculpa. Você quer velho? Você não quer! Tuas libidos, né? Isso é do ser humano né, do homem. Eu comparo igual os animais, por exemplo o garrote ele sente à distância uma vaca no cio, ele sente. E o homem não é tão diferente não. Vocês que são jovens acham um cara interessante né, tu fica animado e tal, se tu puder partir pra cima pra conquistar, legal! E assim somos nós os homens.

Gavião (60 anos) é bastante enfático em sua fala ao afirmar que o homem para manter seus desejos e satisfazer suas necessidades sexuais inerentes à sua natureza, tal como os animais no cio, buscam por mulheres jovens para satisfazer tais desejos preterindo as mulheres idosas. O desejo de Gavião (60 anos) por mulheres jovens se explica pelo fato de que a sociedade contemporânea perpetua a ideia de que a sexualidade está diretamente vinculada ao corpo jovem, a beleza, à juventude. Por conseguinte, o corpo envelhecido é deserotizado, visto como incapaz de despertar desejos sexuais, o que redundando em preconceito acerca da sexualidade na velhice feminina (GOLDENBERG, 2014).

Ponce de Leão Nonato (2018) enfatiza que os homens idosos sempre tiveram interesse sexual por mulheres jovens principalmente para valorizar e provar socialmente a sua virilidade já que esta é posta em xeque quando ele atinge a velhice. Enquanto se sentirem viris, os idosos se utilizarão de seu poder econômico e status social para buscar se relacionar sexualmente com mulheres jovens não apenas para provar a sua masculinidade e satisfazer os seus desejos sexuais, mas, também, para competirem com os homens mais jovens que encontram mais facilidades nos encontros sexuais por terem os atributos considerados desejáveis. A competição sexual masculina é naturalizada nos cânones da masculinidade patriarcal.

Contudo, não é qualquer mulher jovem que esses homens idosos procuram para se relacionar sexualmente. Eles procuram um padrão de moça que “tem que ser uma dama do quarto pra fora, mas do quarto pra dentro, uma puta”, como pontua Pica-pau (65 anos, entrevista, 2021). Ou seja, a moça deve ser educada, distinta, discreta, recatada no sentido de preservar-lhes a honra, mas, entre quatro paredes, que dê livre vazão à libertinagem sexual, sem pudores. Essa conduta de Pica-pau (65 anos) advém do sistema patriarcal que estabelece regras, sobretudo, no que se refere às condutas sexuais femininas e pressupõe a dominação-exploração das mulheres pelos homens (SAFFIOTI, 2004).

É inegável que a atividade sexual proporciona ao idoso não apenas prazer, mas, também, estimula o seu bem estar físico e mental. Engana-se quem pensa que o exercício da sexualidade na velhice, quando admitido, se perfaz em um terreno da romantização e da conjugalidade. Ele se perfaz nos conflitos das relações de poder em que as concepções de gênero ganham grande proeminência.

Os interlocutores da pesquisa mostram que a vivência da velhice e da sexualidade adquirem conotação diferenciada quando se conjuga os marcadores de classe social e gênero. Vimos que a reativação imediata da ereção na velhice demanda alguns recursos para corrigir as mudanças naturais do corpo ocasionadas pela ação do tempo, como a medicalização, a prática de atividade física e uma alimentação saudável para performar um padrão aceitável típico da juventude. São considerados recursos importantes que possibilitam aos homens a capacidade de penetração sexual.

No entanto, esses artifícios não estão acessíveis a todos os homens idosos, pois requerem condições financeiras favoráveis para custear e investir nesses recursos. Nesse sentido, somente os idosos com certo poder de consumo têm possibilidades de reverter as “deficiências” que a velhice impõe à sexualidade do homem auxiliando na manutenção da atividade sexual no primado da heteronormatividade, ou seja, na capacidade de penetração sexual.

## **Considerações Finais**

A velhice não se reduz a um simples fenômeno biológico, é um fenômeno social. A classe social é o fator preponderante que diferencia as diversas vivências da velhice pelos indivíduos e a renda, ainda que não seja um fator determinante, no entanto, como podemos observar, ela se constitui como um aspecto importante para a qualidade de vida na velhice.

No que se refere à sexualidade, os idosos imprimem uma concepção na valorização do sexo. Quando sentem sua virilidade ameaçada em virtude

das mudanças naturais do processo de envelhecimento, recorrem aos os estimulantes sexuais oferecidos pela indústria farmacêutica para satisfazerem os seus desejos sexuais projetados em relacionamentos extraconjugais com mulheres jovens e inseridas no padrão socialmente valorizado de beleza. Dessa forma, eles não somente provam que merecem respeito e valorização no mundo dos homens, no universo masculino.

A situação de classe é um fator importante, pois além de proporcionar uma velhice com melhores oportunidades de acesso a bens e produtos para a garantia de qualidade de vida, favorece o investimento em recursos para o prolongamento da vida sexual. Assim sendo, os homens idosos, ao passo que não aceitam as suas velhices, não conseguem elaborar a poiesis de suas vidas nesse tempo existencial tolhendo possibilidades criativas e inovadoras de investimento em repertórios sexuais para além do coito que poderiam lhes proporcionar um prazer holístico.

**Alice Alves Menezes Ponce de Leão** é professora adjunta do curso de Serviço Social da UFAM - Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia de Parintins. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM).  
Contato: [aliceponce@ufam.edu.br](mailto:aliceponce@ufam.edu.br)

**Ana Cristina da Silva Simas** é graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas. Bolsista de Iniciação Científica.  
Contato: [crissimass29@gmail.com](mailto:crissimass29@gmail.com)

Artigo recebido em: 31/03/2022  
Aprovado em: 25/09/2022

Como citar este texto: LEÃO, Alice Alves Menezes Ponce de; SIMAS, Ana Cristina da Silva. Velhice e Sexualidade dos Homens da Terceira Idade. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 08, nº 02, p. 98-121, 2022.

## Referências

- ALENCAR, Danielle Lopes de. MARQUES, Ana Paula de Oliveira. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, 19(8):3533-3542, 2014.
- ALVES, Giovanni. **Prometeu envelhecido**: proletaridade e velhice no século XXI. Blog da Boitempo. Artigo publicado em 19 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/01/19/prometeu-envelhecido-proletariedade-e-velhice-no-seculo-xxi/>
- BALLONE Geraldo José. **Sexo nos Idosos**. PsiqWeb Psiquiatria Geral, 2002.
- BARROS, Myrian Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e político. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 3ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004.
- DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 12, n. 34. São Paulo, 1997.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. 2ª edição. São Paulo: Planeta, 2014.
- FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **O imperativo do idoso saudável**: dimensões éticas. Envelhecimento humano: campo de saberes e práticas em saúde coletiva. Loiva Beatriz Dallepiane (org.). Ijuí, Editora Unijuí, 2009 (Coleção Saúde Coletiva).
- FIGUEIREDO, Maria do Livramento Fortes et. al. As diferenças de gênero na velhice. **Revista Brasileira de Enfermagem**, n. 60, v. 04, p. 422-427, Brasília, jul./ago., 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade do saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA Jr., Carlos E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MOTTA, Alda Brito. As Dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In **Cadernos Pagu** (13) – Gênero e Gerações (organizadora Guita Grin Debert). Núcleo de estudo de gênero/ UNICAMP, Campinas, 1999.

MOTTA, Alda Brito. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et.al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Sexual and Reproductive Health**. WHO, 2006. Disponível em: <[http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual\\_health/sh\\_definitions/en](http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en)> . Acesso em: 12 junho.2021

PACHECO, Jaime Lisandro. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, Anita Liberalesso Neri, Meiri Cachioni (orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Editora Alínea, Campinas, SP, 2015.

PASCUAL, Cosme Puerto. **A sexualidade do idoso vista com novo olhar**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PEIXOTO, Clarice. “Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho. Velhote, idoso, terceira idade”. In: BARROS, Myrian Moraes Lins de. **Velhice ou Terceira Idade**. Rio de Janeiro. EDITORA FGV, 1998.

PONCE DE LEÃO NONATO, Alice Alves Menezes. Sexo e sexualidade na velhice: práticas transgressoras e negociadas no contexto amazônico. Tese de doutorado. Universidade Federal do Amazonas, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Sueli Souza dos. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre, Sulina, 2003.

SOUSA, Jailson L. Sexualidade na terceira idade: uma discussão da Aids, envelhecimento e medicamentos para disfunção erétil. **DST: J bras Doenças sexualmente transmissíveis**, Recife, v. 20, n. 1, p.59-64, ago. 2008.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital – Implicações para a proteção social no Brasil**. São Paulo, Cortez: 2008.

YAZBEK, M.C. **Classes subalternas e assistência social**. 7ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA, Kay Francis Leal. **Sexualidade e qualidade de vida do idoso: desafios contemporâneos e representações sociais**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2012.